P. J. de Castro

NOVELLAE OLIVARUM



ANO VIII / ABRIL 1950 / NÚMERO 74

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — JOÃO DE SOUSA
Redactor — JOSÉ MENDES SERRAZINA
Proprietário e Editor — JOSÉ ANTÓNIO NOBRE DUARTE
Administrador — MANUEL ALVES LOURENÇO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 20$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

A nascente da água viva — Ao redor da Liturgia Pascal — J. R. ... 73

Páginas da Vida do Rev. Padre Cruz — Mons. J. C. Freitas Barros 79

Homília Paroquial — Manuel da Silva 83

Ecos da Vida Litúrgica :

O significado litúrgico do peditório na Missa — M. A. 93

Crónica de Hoje — Ninguém 94

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA



FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna

Machado & Ribeiro, L.da

Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50 — Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 — Manual das Noviças, 14$00

Material escolar ——— Peçam catálogos indicando o género de livros

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

COMPANHIA VELHA

PÔRTO — **Rua das Flores, 69** ——

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

SACOR

A SACOR *é uma indústria nacional.*

Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses

COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES

Capital: 50 milhões de Escudos

Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** Refinaria: **Cabo Ruivo**

A Nascente da água viva

Ao redor da Liturgia Pascal

Vai para 2.000 anos que a terra assistiu ao duelo mais gigantesco da História. No meio da convulsão dos elementos e do desvairo dos homens, a Vida sucumbiu fulminada pela Morte, que entoa vitoriosa o hino do triunfo.

Pobre música desafinada ao lado da sinfonia de apoteose que o Vencido, três dias depois, vai cantar. Por suas próprias forças Ele despedaça as cadeias da morte e sai glorioso do túmulo, para não mais morrer.

Eis o motivo da nossa Fé.

Eis o penhor da nossa ressurreição.

Eis o rebentar da nascente da água viva.

Vejamos como a Igreja aclama o Vencedor e dá vida a tantos vencidos.

PELA NOITE FORA

Toda a velada da noite de Páscoa — que a Igreja antecipou para a manhã do Sábado Santo — está orientada para uma mesma finalidade: orações, leituras e cânticos, tudo converge para o Baptismo que na madrugada de Domingo se administrava ao grupo dos catecúmenos. Pode dividir-se em duas partes: Cristo — Luz Nova; Baptismo — centelha de amor nas almas.

O DIVINO INCENDIÁRIO

A LUZ NOVA = O simples acender das luzes, que iluminem a casa de Deus pela noite além, é rodeado de um profundo sentido místico, expresso em significativas orações, no arrebatador canto do «Exsultet» e no Prefácio que se lhe segue. Da pederneira sai a chispa de lume — sím-

bolo da Caridade de Cristo, pedra angular da Igreja, que é labareda a incendiar as almas no Amor.

Que os homens se deixem abrasar por esta chama simbólica e se queimem em doce holocausto por Deus a fim de merecerem chegar à vida e à luz eterna.

A LUZ DE CRISTO = O Diácono, depois de ter introduzido na igreja a luz nova, irrompe num vibrante convite à alegria: Multidão dos anjos do céu, tocai trombetas pela vitória do Rei. Ó Terra, canta, em transportes, a luz, vencedora das trevas, que te cobriam. Igreja e Cristãos, aclamai a prodigiosa claridade que transborda até vós. Assembleia, aqui reunida, implora à misericórdia divina, derrame sobre mim os raios da sua luz, a fim de que eu cante os louvores do Círio Pascal.

E entoa um hino de exaltação e acção de graças à noite de Páscoa: noite que mereceu a honra de presenciar a derrota final da Morte e do Inferno; noite mais clara que o dia; noite santificada pela ressurreição de Cristo.

Ó caminheiro perdido na noite tenebrosa do pecado, deixa as trevas e corre para a luz que purifica as culpas, apaga os crimes, restitui a inocência perdida.

Tu, que inconsolável choras as mágoas duma existência difícil, cobra alento, que acaba de surgir a alegria dos tristes.

E vós, irmãos pelo sangue ou pelo ideal, a quem aguaceiros enlamearam de ódios a amizade, estreitai-vos no abraço da reconciliação que chegou ao zénite o astro-rei, que da lama fará surgir a flor branca do amor fraterno.

Nações e povos de todo o mundo, cessem as lutas e as guerras, pois surgiu no horizonte o sol que nos vai iluminar a todos com os mesmos raios e fazer da terra um enorme reino cujo soberano é Deus.

Noite Santa esta em que o Céu se uniu à Terra, a Divindade se pôs em contacto com a Humanidade.

Jesus, Luz divina, alumiai de celestes claridades as almas de vossos servos e fazei sigam o caminho que leva direito ao reino da luz que jamais se apaga, e conduzi-os aos esplendores da eternidade.

BAPTISMO, CENTELHA DE AMOR

Terminada a bênção do Círio Pascal vai começar pròpriamente a assembleia nocturna. Na igreja estão todos os catecúmenos que por esta

vigília de oração se preparam para o Santo Baptismo. Eis que recebem as últimas instruções.

A ÚLTIMA CATEQUESE = Atendei bem — parece dizer a Igreja — ao que ides aprender. Olhai:

Deus, que criou o mundo de maneira tão maravilhosa e o restaurou de modo mais admirável ainda, vai fazer das vossas almas uma nova criação, tornando-as imagem sua pela graça baptismal.

Nelas se repete o dilúvio que matou na terra os homens preversos: despojando-as de toda a espécie de pecados e corrupção, levantando o que está abatido, renovando o que está velho, tudo restabelecendo.

Pelo Baptismo se multiplicam os filhos da promessa, que são os herdeiros dos bens do Pai Celeste. Os filhos da Igreja são o cumprimento da promessa feita a Abraão de uma descendência mais numerosa que as estrelas do Céu.

O Mar Vermelho a ser pelos israelitas atravessado é símbolo da Piscina Baptismal: para trás ficam a escravatura, o despotismo, os trabalhos forçados. Cantai de alegria e acção de graças a Deus que afogou o cavalo e o cavaleiro, a vida antiga de sujeição ao demónio e aos vícios.

Ouvi Isaías a chamar os sequiosos ao manancial das águas; invocai a Deus, enquanto Ele está próximo; procurai-O agora que O podeis encontrar; mas mudai de vida: o ímpio converta-se, o injusto deixe os vícios; voltem-se todos para o Deus da Bondade, cuja palavra é como a chuva que fecunda os campos, fazendo germinar as sementes, e dando pão ao homem.

Os israelitas foram castigados por abandonarem a fonte da sabedoria, por se extraviarem do caminho que leva a Deus. Que os cristãos, substitutos do povo infiel, se não afastem da Igreja a quem Deus confiou o depósito da Sua revelação, nem se percam por veredas perigosas que os arrastem para longe do Céu.

Campo trágico de morte e destruição, esqueleto dissecado, que dentro em pouco se irá pôr de pé, animado por uma vida nova, é isto, ó catecúmenos que ouvis a Ezequiel na visão dos ossos que se animavam, formando exército pronto a batalhar, imagem da restauração que se vai operar em vossas próprias almas.

Assim como o reino de Israel foi destruído e sobre as suas ruínas se levanta uma tenda imensa a proteger os homens dos ardores do sol, das tempestades e das chuvas; assim como Sião foi substituída pela Igreja; assim também nas almas o reino do demónio será deitado por terra, seus

vestígios lavados pela água do Baptismo e infusão do Espírito Santo, o Espírito do ardor, e vai começar uma vida nova de prosperidade e grandeza espiritual. Uma colheita abundante se faz esperar, pois a sementeira é de bom grão e o campo está lavrado e o adubo é abundante.

O sangue dum cordeiro nas ombreiras das portas foi outrora sinal para Deus das famílias hebreias. Do mesmo modo as almas, pelo Baptismo, são marcadas com o sinal de Cristo, cujo Sangue as liberta da morte e da servidão. O cordeiro foi imolado e há-de ser comido com traje de quem vai partir. Reparai bem: a Eucaristia é banquete para os romeiros do Céu que pela terra vão peregrinando. A imolação do nosso Cordeiro Pascal é uma obra maior que a própria criação do mundo.

Os que entram na Igreja são solidários uns com os outros; não mais se devem desligar dos laços que os unem ao corpo místico de Cristo. Como os ninivitas, pela penitência colectiva e pela emenda de vida, alcançaram que o Senhor se compadecesse deles, assim, também vós alcançareis pelas boas obras e piedade a graça do Baptismo e da Perseverança.

Uma vez baptizados, não deveis afastar-vos da Lei de Deus, mas temei ofendê-Lo. De contrário sereis uns infelizes e atraireis sobre vós a cólera divina como os hebreus rebeldes e infiéis.

Fortes e destemidos na sua fé hão-de ser os cristãos, à imagem dos três rapazes que preferiram ser lançados ao fogo a renegarem o seu Deus, com a certeza de que não serão abandonados no meio das tribulações e desgraças. Salvos, não se esqueçam de louvar a Deus pois sem Ele nada poderão fazer.

E termina aqui a última lição de catecismo feita pela Igreja aos catecúmenos antes de os admitir ao Baptismo.

O HOMEM VELHO SUSPIRA PELA VIDA = O caminheiro perdido no deserto escaldante da vida pecadora, de miragem em miragem, sente-se abatido pela sede, e não tem para beber senão as próprias lágrimas que àvidamente sorve noite e dia. Da garganta ressequida saem-lhe suspiros e gritos pelo Deus vivo; parece um veado a quem a sede dá forças para andar à busca da nascente.

Eis que Deus ouviu os seus rogos e vai fazer jorrar a fonte da água viva que mata a sede para sempre.

O VELHO TORNOU-SE RAPAZ = Os catecúmenos vão assistir à bênção das águas; em sua companhia todos os habitantes da Cidade Santa para acolher os novos moradores.

Deus afasta da água todo o espírito maligno. Ela já não é a simples

água que lava os corpos, mas sim o manancial da vida, a água da regeneração, a água da purificação das almas, pois o Espírito Santo desceu a essa fonte, ao pedido do Sacerdote. E agora todo o que nela entrar sairá rejuvenescido, uma criatura nova, por velho que seja receberá uma alma inocente de criança.

É o momento solene da administração do Baptismo. O restante povo cristão, fora do Baptistério implora o auxílio dos Santos cantando as Ladainhas.

Terminadas as cerimónias do Baptismo e Confirmação — que se administravam sucessivamente — a procissão começa a mover-se de novo em direcção ao altar.

Baptizados e confirmados vão pela primeira vez participar da fracção do Pão.

A REFEIÇÃO DA CARIDADE = Temos a Missa a coroar toda a cerimónia. A seguir ao Kyrie o celebrante entoa o *Gloria in excelsis Deo*. É anúncio da alegria; campainhas e sinos tocam festivamente. O órgão rompe em acordes vibrantes de entusiasmo. A igreja ilumina-se. Caem os panos roxos. Todas as faces se abrem num sorriso de contentamento. É o transbordar de júbilo das almas pela ressurreição de Cristo e pela ressurreição dos baptizados.

Toda a assembleia cristã, pela voz do Presidente, roga a Deus que os seus novos filhos não mais percam a inocência baptismal e O sirvam sempre com pureza de alma e de coração.

E logo, a prevenir futuros desânimos dos vencidos e acabrunhados que não levantam os olhos do seu palmo de terra mal gradada e olham as pequenas dificuldades de cada hora como insuperáveis, S. Paulo grita que o passado não existe mais pois ficou afogado na Piscina Baptismal. Sursum. Para o alto. Olhai de frente as maravilhas de Deus. Levantai os olhos para os cumes dos montes, contemplai os céus estrelados, vede a Cristo, o vosso ideal, como está sentado à direita de Deus. Vós ressuscitastes, como Cristo ressuscitou e estais escondidos nEle e quando chegar a hora da glorificação, quando Ele vier inaugurar a fase definitiva do Seu reino, vós sereis associados ao Seu magnífico triunfo. Sursum. Mais alto. Melhor.

Já lá vão quase dez semanas que se não ouve o canto do Alleluja. Mas acabou o tempo da Penitência. Jesus Cristo ressuscitou. Louvemos a Deus. Alleluja. E repete-se seis vezes, o celebrante primeiro e depois toda a assembleia. Louvai a Deus. Louvai a Deus porque Ele é benigno,

porque é eterna a Sua misericórdia. Louvai a Deus, todas as nações. Glorificai-O, todos os povos. Porque a Sua bondade para connosco foi poderosa e a fidelidade do Senhor permanece eternamente.

O Diácono anuncia, agora, a Boa Nova da Ressurreição: «Procurais a Jesus, o crucificado ? Não está aqui, porque ressuscitou, como tinha predito.»

E a Missa vai continuando normalmente, pedindo-se na oração sobre as ofertas que o pão e o vinho acompanhados das súplicas dos fiéis sejam remédio para a eternidade. O Prefácio canta o Cordeiro Pascal cuja morte foi para nós libertação e cuja ressurreição foi para nós penhor de vida. Uma vez mais, antes da Consagração, se faz uma prece especial pelos novos membros do corpo místico regenerados pela água e pelo Espírito Santo, pedindo o perdão das suas culpas.

Toda a assembleia cristã se aproxima da Sagrada Mesa e cantam-se Vésperas: exaltação de Deus misericordioso pedindo, derrame nos corações o espírito da caridade para que, unidos a Cristo com os mesmos laços pela Comunhão Pascal vivam em perfeita concórdia e fraternidade. Louvor a Deus ! Alleluja ! Alleluja !

* * *

Terminou a Missa do Sábado de Alleluja. Mas a Páscoa continua. Cada dia é ressurreição para muitas almas. O Senhor as faça ganhar gosto pelas coisas do espírito e agora que estão vivas, não mais se suicidem.

Sigamos todos o conselho de S. Paulo aos coríntios: Fora com o pão fermentado, que outra coisa não são os hábitos pecaminosos da nossa vida. Transformemo-nos em massa nova e fresca sem fermento de mentira e impureza. Tornemo-nos rapazes no ideal, na limpidez da alma, na generosidade franca e heróica.

Assim havemos de celebrar bem a Ressurreição de Cristo, e a nossa vida será uma Páscoa continuada, louvando o Rei Vencedor, a nossa esperança, a nossa salvação.

J. R.

Páginas da Vida do Rev. Padre Cruz

V

Venho hoje desenrolar ante os presados leitores alguns quadros da vida do Rev. Padre Dr. Cruz, onde se destacam vivamente o zelo, a prudência e a piedade com que aquele venerando Padre ministrava o Sacramento da Penitência, e justificam cabalmente aquela sua regra, a que me referi na última crónica: «*Confessar, enquanto houver penitentes . . .*»

Em geral, aquele piedoso Sacerdote confessava todos os dias em algum templo, principalmente onde havia a devoção do Sagrado Lausperene. Poder-se-ia dizer que nestas festas havia três elementos, que não faltavam: as Ladainhas dos Santos, o Terço dos Benditos e o venerando Padre Cruz com as suas prègações, orações e confissões.

Quem, de manhã ou ao entardecer, visitava o Sagrado Lausperene, lá destacava o Rev. Padre Cruz ou no púlpito, a prègar, ou no confessionário, a atender aos penitentes, ou, próximo destes dois lugares, de joelhos, cabeça inclinada para o lado esquerdo, olhos fitos na Divina Hóstia, a rezar, a rezar . . .

Muitas vezes, ia às cadeias do Limoeiro e das Mónicas, para ouvir Confissões, e com o mesmo fim visitava enfermos, que o chamavam e aguardavam ansiosamente.

Já que aludi às suas Confissões nas cadeias, abro aqui um parêntesis para narrar um episódio, ocorrido nas festas pascais do ano de 1914, na Penitenciária, onde o Rev. Padre Dr. Cruz fora chamado com outros Sacerdotes, para a Desobriga de alguns presos.

Quando ele entrou em uma das celas, segundo a indicação que lhe fora dada, o prisioneiro recebeu-o agressivamente, maltratando-o e injuriando-o.

Logo que o guarda percebeu isto, correu a acudir, pretendendo cas-

tigar e algemar o prisioneiro ; porém o venerando Sacerdote, com tal carinho e insistência desculpou o agressor, ante o natural pasmo do guarda, que aquele, sùbitamente, começou a chorar, a pedir perdão e quis confessar-se ! . . .

Mas . . . volvamos ao assunto da Crónica.

Quando o Rev. Padre Dr. Cruz se dispunha a confessar nos Templos, antes de entrar no confessionário, prostrava-se a rezar em voz alta, para que os fiéis o acompanhassem. Estava já revestido com a sobrepeliz e sobre o braço esquerdo tinha dobrada a estola violácea.

Ao terminar a oração, impunha a estola, abria a porta do confessionário, volvia-se para os fiéis e dirigia-lhes breves palavras sobre as condições necessárias para a Confissão, insistindo sobre o Exame de consciência, sobre a Contrição e sobre o Propósito de emenda. Quase a acabar, fitava particularmente os penitentes do sexo feminino, dizendo-lhes com firmeza: «As Confissões querem-se *frequentes,* mas *curtas* e *contritas*». E repetia: «Confissões *curtas* e *contritas*.»

Estas duas qualidades da Confissão eram por ele justificadas, quando prègava, apresentando considerações práticas, onde se notavam a sua profunda piedade e larga experiência do ministério de Confessor.

Contudo, esta regra não a aplicava, quando os penitentes eram homens, aos quais, em geral, atendia ou nalguma dependência mais recolhida do templo, ou na sacristia, e com largueza de tempo. Então, tirava a sobrepeliz, tomava a capa, assentava-se logo que o penitente ajoelhava, debruçava-se sobre ele, como que a abraçá-lo, puxava a capa e envolvia-se nela com o penitente, no colóquio sacramental. Deus sabe o que se passava sob as dobras daquela capa ! . . .

Nunca deixava de receber os homens. Em uma vez, em determinada vila, onde estava a prègar um Tríduo, no dia seguinte à festa anunciou aos fiéis que deveria partir, decorridos quinze minutos, visto estar terminada a sua missão. Passou pela sacristia, a despedir-se do Rev. Pároco, e ia a sair. Entretanto, apareceu-lhe um homem daquela localidade (um advogado, ainda jovem, quase incrédulo) o qual se aproximou do bom Padre Cruz, dizendo-lhe: «*Muito gostei de sentir a sua fé em Deus e o seu amor aos pobres. Quem me . . .*» O Rev. Padre Dr. Cruz não o deixou continuar. Segurou-lhe com delicadeza nas mãos, conduziu-o para um dos cantos da sacristia, fitou-o com aquele «sorriso angelical», que lhe era peculiar, disse-lhe quaisquer palavras em voz baixa, fez-lhe sinal para que ajoelhasse, ao mesmo tempo que ele se sentava, e . . . lançou-lhe

sobre os ombros a capa . . . (ia a escrever a rede). Era a confissão que começava ! . . .

Lá fora ouvia-se silvar a máquina do combóio, onde o Rev. Padre tinha lugar marcado; mas, ali, a um canto da sacristia, à sombra do velho Crucifixo de marfim, que se erguia na parede, decidia-se a salvação de uma alma; pois a verdade é que, desde aquele dia, a pessoa, que ele confessara, nunca mais deixou de receber a Sagrada Comunhão, quotidianamente !

Aqui está como o malogro de uma viagem se tornou em meio de santificação de uma alma.

Este acontecimento, que, logo, se tornou conhecido na populosa vila, teve larga influência naquele meio; e não foi sòmente aquele o miraculado daquela tarde. Após ele, outros . . . *peixes grados caíram* (caíram ? não digo bem) foram pescados por entre as malhas da capa do santo Sacerdote, pois ele continuou naquele mesmo lugar, toda a tarde, sempre a confessar.

Costumava o Rev. Padre Dr. Cruz aconselhar os prègadores dos Tríduos e Novenas que não saissem no dia da Festa das localidades, onde prègavam, e ficassem para o dia seguinte, aguardando os retardatários, que (dizia ele) sempre apareciam. «Estes (continuava ele) eram os jornaleiros da undécima hora, de que fala o Evangelho, e quase sempre tornavam-se muito fervorosos, para que no futuro recuperassem o fruto perdido nos dias da ociosidade».

Esta heróica disposição «Confessar enquanto houver penitentes . . .», pode dizer-se era constante no venerando Padre.

Uma vez apareceu ele em determinada cidade da Beira Baixa, de passagem para uma paróquia vizinha, onde deveria prègar um Tríduo.

Foi recebido em casa de pessoas muito piedosas, da sua amizade, enquanto não seguia para o seu destino. Um quarto de hora antes do jantar, foi ali um médico a seu pedido, para lhe dar uma injecção, pois o venerando Padre estava fatigado.

Logo se retiraram ambos para o quarto, dizendo o Rev. Padre que não demorariam além de quinze minutos. Entretanto tudo se dispunha para o jantar. Decorreram, porém, trinta, quarenta minutos, sem que voltassem. Afinal, quase uma hora depois, surgiram eles. Vinham radiantes. O médico falou logo, dizendo: «Estavam inquietos ? É natural. Desculpem a demora. Imaginem: eu vim para uma injecção, e, por fim fiz . . . a minha primeira Confissão» ! . . .

Ouvi algures que em determinada praia nortenha sucedera com o mesmo Rev. Padre e o médico local um caso idêntico.

Ainda queria narrar este acontecimento que ouvi contar ao Rev. Padre Beirão, que foi Prior da Igreja de S.ta Maria Madalena, de Lisboa: Em Abril de 1908, por ocasião do grande terramoto, estava o Rev. Padre Cruz a confessar naquela igreja. De repente, todo o templo estremeceu, sacudido pela violência do abalo sísmico, correndo para a rua os fiéis, que lá se encontravam. O confessionário, onde estava o Rev. Padre Cruz, quase se despregou da parede, levantando-se o penitente e pretendendo fugir. Mas o bom Padre segurou-o com bondade e exclamou em voz alta: «Fiquemos todos onde nos encontramos, junto de Nosso Senhor, e continuemos a rezar e a confessar.» Lá fora o terror e a confusão cresciam; mas o santo Padre Cruz continuava no seu posto ! . . .

«Confessar enquanto houver penitentes . . .», proclamava tantas vezes o santo Sacerdote. De facto, nada havia que pudesse impedi-lo do cumprimento daquilo que constituía um dos mais sagrados deveres do ministério sacerdotal.

MONS. J. C. FREITAS BARROS

Com a solenidade da Páscoa, que comemora o triunfo de Cristo, a nossa alma é inundada de íntima alegria, e havemos de pensar que também nós havemos de ressuscitar, juntamente com o Redentor, de uma vida fria e inerte para uma vida mais santa e fervorosa oferecendo-nos a Deus plena e generosamente e esquecendo esta terra mesquinha para pormos no céu todas as nossas aspirações: «Se ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto . . . saboreai as coisas do alto». (Mediator Dei).

HOMILIA PAROQUIAL

I — NOÇÃO HISTÓRICA

Há coisas que estão de tal modo relacionadas com outras, que não se podem definir sem elas ; é assim a homília relacionada com os textos da Missa.

A abertura duma sessão solene faz-se normalmente com um canto, ao qual se seguem uns discursos, e fica bem que o presidente encerre a sessão com umas palavras referentes à mesma.

Também a Missa dos Catecúmenos é uma sessão solene de homenagem a Deus cuja abertura é feita com o canto do intróito, ao qual se seguem dois discursos : a Epístola e o Evangelho ; ora a homília é o encerramento da sessão solene desta parte da Missa.

S. Justino descreve-nos assim essas primitivas sessões: «Começa-se por ler, diz ele, os textos dos Apóstolos e dos profetas ; depois o presidente toma a palavra para fazer advertências e exortar (os fiéis) a imitar esses belos ensinamentos (é a homília) depois todos se levantam, rezam unidos em voz alta até se trazer o pão e o vinho» (1). Quer isto dizer que a homília prolonga os textos e introduz no sacrifício.

É, portanto, bem verdadeira a conclusão do «Centre de Pastorale Liturgique» : «a proclamação da palavra divina é o primeiro acto da celebração ; consiste na leitura ritual e inteligível da Sagrada Escritura, explicitada pela homília que é função peculiar do celebrante» (2). Sacerdotem oportet ... praeesse, oportet praedicare (3). Precisamente por ser presidente — praeesse — lhe compete encerrar a sessão — praedicare.

Mas que se entende por homília ?

---

(1) Maison-Dieu n.º 8.
(2) Novellae Olivarum, Out. 1949.
(3) Pontifical Rom.

Os filólogos e os historiadores são unânimes em afirmar que homília, palavra grega, ou sermão, latina, é «uma conversa familiar de um pastor de almas, com o povo a si confiado, durante um acto litúrgico, sobre um texto bíblico sugerido pela liturgia (4).

Nos primeiros séculos da Igreja, a homília era uma conversa dos bispos com seus filhos espirituais, após o Evangelho, conducente a uma união mais íntima com Jesus Cristo no seu sacrifício ; a uma compreensão mais perfeita do pensamento geral da Missa pela incidência de luz sobre os textos obscuros. A homília era o prolongamento, a explicitação, em conversa dialogada, bíblica, simples e familiar dos textos litúrgicos ; era um alimento comum conforme se vê, nestas palavras de Santo Agostinho «quando a verdade é fácil de compreender, alimento-me convosco ; quando for difícil, convosco bato á porta do Senhor até que se nos abra» (5).

Assim faziam os Santos Padres as suas homílias, e o grande Taumaturgo Português, padroeiro da nossa Academia também não deixava de expor na sua homília a doutrinação completa da liturgia da Missa. De facto se a Santa Igreja nos textos da Missa nos dá uma doutrinação completa, porque nos havemos de limitar ao Evangelho ?

Epílogo dos textos e prefácio do sacrifício, a homília não é um discurso dirigido à conversão dos infiéis, nem um curso metódico de religião cristã, mas sim a exposição viva, mais clara e una, do pensamento da Missa, em ordem a dar aos fiéis mais luz à sua fé e mais amor e actuação à sua vontade.

Não é de estranhar o abundante fruto da homília visto ser ela a comunicação da vida que inundava os Santos Padres. De facto era tal a exuberância de vida que, durante a homília, se desprendia dos lábios daqueles grandes pioneiros do Evangelho, que os fiéis sentiam uma necessidade premente de também eles expandirem por sua vez a vida que lhes tinha sido comunicada, de expressarem privada e públicamente o seu entusiasmo e o seu amor a Jesus Cristo, e por isso a homília terminava numa fórmula, expressão de toda essa vida, de todo esse entusiasmo e amor : o «credo» era o ámen da homília.

Nos fins do século IV, porém, começou a infiltrar-se a tentação terrível de fazer da homília uma «oratio», discurso de palavras caras e

---

(4) Maison-Dieu n.º 8.
(5) Ev. de S. João por St.º Agostinho — Comentário 17.

fina dialética, incompreensível mesmo a inteligências suficientemente dotadas. S.to Agostinho em África e S. João Crisóstomo no Oriente, conseguiram repelir essa tentação mas não puderam impedir o afrouxamento da vida espiritual dos Sacerdotes que se vai repercutir em breve na prégação: «ex abundantia cordis os loquitur» (6). E visto que os corações estavam vazios, aparecem já no século VIII (7) concílios a mandar aos bispos e sacerdotes fazer a homília sobretudo aos domingos e dias de festa. Desta obrigação ninguém se podia escusar visto serem dados homiliários próprios cuja leitura, no caso de não se fazer a homília, era obrigatória. Daqui até ao século XII, a homília consiste pràticamente na leitura dos Padres.

Vem depois a escolástica, com a linda inovação de comparar a administração da palavra à administração de um sacramento, visto que «fides ex auditu».

Caiu a idade de oiro da escolástica; levantou-se de novo a tentação da homília-discurso oratório-literário e, na falta dos Agostinhos e dos Crisóstomos, o demónio venceu, e a homília passa a ser cada vez mais erudita, profana e alitúrgica. Desta época até ao Concílio de Trento, mais e mais se foi diluindo a homília primitiva de modo que, pouco antes do Concílio, não era mais que a defesa dialética de alguma verdade teológica ou a exposição metódico-literária de alguma verdade cristã à margem da liturgia.

Contra esta doutrina se insurge o Concílio no cap. 8.º da XXII sessão: (8) «Manda o Sagrado Concílio aos pastores de almas... que com frequência dentro da celebração da Missa exponham por si ou por outros, alguma das coisas que se lêem na Missa e entre outras expliquem algum mistério deste Santíssimo Sacrifício».

Com tais palavras o Concílio manda pôr em prática a homília primitiva, explicitação de textos: «ex his quae in Missa leguntur» (9), em ordem a uma participação mais perfeita no Santo Sacrifício: «Sanctissimi huius sacrificii mysterium aliquod declarent».

Surgem dificuldades no cumprimento da lei do Concílio e a principal é esta: os cristãos hoje ignoram a sua divina religião. Ora se nos

---

(6) Lc. 6/45.
(7) Marion, 2.º vol. e Maison-Dieu n.º 8.
(8) C. P. art.º 399.
(9) D. 946.

limitamos à homília litúrgica (do Concílio) não poderemos dar aos fiéis a instrução de que eles carecem.

Para solucionar esta utópica dificuldade surgem três sistemas :

O primeiro faz da homília um curso de religião, sem relação alguma com o tempo litúrgico.

O segundo faz da homília uma doutrinação mais ou menos adaptada ao tempo litúrgico mas independente dos textos.

O terceiro faz da homília a explicitação dos textos da Missa em ordem à vida da mesma.

Qualquer dos sistemas é permitido pelo Código e pelo Concílio Plenário contanto que (art.º 400) «...os párocos escolham o assunto da homília com tal discrição que dentro de cada ano exponham as verdades principais da fé e os deveres da vida cristã».

Não tenho competência para criticar qualquer dos sistemas, todavia não será uma quimera defender-se a impossibilidade de dar aos fiéis uma doutrinação completa com a homília primitiva ?

A homília-catequese pode ser muito útil durante um certo tempo, o suficiente para dar aos fiéis as bases do dogma fundamental mas, criadas as convicções-bases da fé, a homília litúrgica é em princípio a melhor e aconselhada pela «Mediator Dei» e pelo recente congresso litúrgico de Versalhes.

Acaso não é a Missa a grande catequese e a homília a sua actualização prática ? O grande erro é pensar que não. Nos primeiros séculos não havia catecismos pois o primeiro foi feito por Alcuino e todavia os primeiros cristãos viviam mais intensamente talvez a vida de Jesus Cristo do que nós hoje, porque viviam a liturgia. O único catecismo era a liturgia e ainda hoje o principal catecismo do povo tem de ser a «liturgia impregnada dos mais essenciais e mais sólidos princípios do dogma e da moral (10).

Os fiéis continuarão a ignorar as verdades da sua fé enquanto estas lhes não forem dadas na vida completa da liturgia de cujos textos a homília tem de ser explicação, prolongamento.

Não fica bem, normalmente, numa sessão em honra do Senhor Patriarca falar de um assunto estranho à mesma ; é o que acontece na homília à margem da vida litúrgica.

---

(10) D. Lefebvre — Novellae, Outubro 1949.

II — OCASIÃO DA HOMÍLIA

Entre nós é costume fazer-se a homília após o Evangelho, ou à estação da Missa, isto é após o ofertório. Mas sendo a homília explicitação dos textos da Missa não seria preferível fazê-la no princípio para não sujeitar os fiéis a estarem até ao fim do Evangelho sem nada perceberem do que se realiza ?

De facto, segundo parece, não há decreto que proiba fazer a homília no princípio da Missa mas não se deve fazer porque isso vai contra toda a tradição da Igreja (11) e é sempre possível conseguir-se um locutor que ao menos vá lendo em português os textos da Missa.

Devemos pois continuar a fazer a homília após o Evangelho porque o fazê-lo à estação da Missa foi importado da liturgia bracarense, cujo ofertório é feito ao princípio.

Observemos portanto os ritos da celebração da Missa que dizem : «finito Evangelio praedicet et sermone sive concione expleta, dicatur Credo».

III — DURAÇÃO DA HOMÍLIA

A homília, diz o Dr. Ferreira Pinto (12), não deve em geral exceder um quarto de hora. D. Manuel Trindade Salgueiro diz a este respeito que o sermão deve ser de 20 a 30 minutos ; a homília de 5 ou pouco mais, fora a leitura do Evangelho ; o que importa é estudar bem o assunto e expô-lo melhor. Há opiniões de que a homília deve durar de 10 a 13 minutos (13).

Podemos pois concluir com o art.º 402 do C. P. «a homília não seja demasiado extensa, em geral não dure mais de um quarto de hora».

IV — POSIÇÃO DO PREGADOR

A homília faz-se normalmente junto do altar, do lado do Evangelho, podendo o homiliasta estar de pé ou sentado, se for o pároco, pois só ele tem direito a fazê-la sentado num banco sobre o supedâneo, do lado

---

(11) D. Ant. Coelho, 2.º vol. n.º 231 nota.
(12) Curso de Teol. Pastoral do Dr. Ferreira Pinto, 2.ª edição, pág. 211.
(13) Lumen, Novembro 1949.

do Evangelho. Quando faz a homília sentado, deve o pároco cobrir-se com o barrete. Há quem ache preferível que o Pároco faça a homília sentado mas, como alguns têm dificuldade de falar sentados, podem começá-la sentados e continuá-la de pé. Note-se que o Pároco, a não ser que seja bispo, não pode fazer a homília sentado num banco, sobre o supedâneo ao meio do altar. Se fizer a homília no púlpito, o celebrante deve tirar a casula e o manípulo.

V — NECESSIDADE DA HOMÍLIA

Bento XV diz na «Humani generis» : (14) de dia para dia crescem por toda a parte o desprezo e o esquecimento das coisas sobrenaturais e, a pouco e pouco, o mundo se vai apartando da severidade da virtude cristã, regressando dia a dia, e a passos largos, à vida ignominiosa dos pagãos».

A causa de tudo isto, nós bem o sabemos, é a ignorância «mãe de todos os erros» na frase do Concílio de Latrão (15). Os homens de hoje desconhecem que a sua lei suprema é conhecer e amar a Deus e porque não vêem claro estão sempre sujeitos a cair mais fundo no abismo.

Pobres dos homens que à busca da Verdade se atolam cada vez mais na falsidade ; caminham no meio do erro e não querem afastar-se dele porque não sabem se é ele a verdade ; agitam-se indecisos com uma inteligência orgulhosa, volúvel, revoltada contra tudo o que a ultrapassa. Hoje, como outrora, os homens hão-de perguntar-nos : «Tu quis es ?» ; não lhes neguemos quem somos, pois enganado por falsas doutrinas, o homem moderno vacila inquieto à procura da verdade mas não quer arrepiar caminho, temendo perder-se mais... todavia «inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te» Conf. 1.º, cap. 1.º.

VI — OBRIGATORIEDADE

Não podem, portanto, os que têm essa missão, deixar de dar aos homens a luz «que ilumina todo o homem que vem a este mundo» João 1/9.

«Vós sois a luz do mundo» Mt. 5/17 e, todavia, esse mesmo mundo

---

(14) Concílio Plenário.
(15) Concílio Plenário.

vive nas mais espessas trevas dum gelado indiferentismo. Como enviado de Jesus Cristo, como este o foi de seu Pai para «dar testemunho da verdade» (J. 18/37) o Sacerdote não pode calar-se. «Vae milhi si non evangelizavero» II Cor.

O ofício da pregação diz Trento ([16]) «é o principal ofício dos bispos» e dos sacerdotes seus prolongamentos pois sempre que estes falam desempenham «uma função episcopal» (Bento XV, Humani Generis). É nosso dever pregar «praedica verbum, opportune, importune» II Trim 4/2.

E porque é mediador, pontífice, união de dois extremos, ponto de ligação entre Deus e os homens, advogado de duas causas, o Sacerdote tem de fazer das duas uma só : a causa dos homens não pode ser diferente da causa de Deus. Já que Deus não pode descer, é preciso que o homem suba até Ele para Lhe prestar a homenagem que justamente reclama : «o sacrifício duma vida transformada em adoração e louvor» ([17]). «Quotidie morior» I Cor. 15/31.

E já que os homens «não invocarão Aquele em quem não acreditam e nunca acreditarão se não houver quem lhes fale nEle» Rom. 15/15 ai do Sacerdote quando se cala : «vae milhi quia tacui» Isaias 6/5.

Esta obrigação da homília vem expressa no art.º 397 do C. P. : «manda o concílio que a todas as Missas que com assistência de fiéis se celebrem nos Domingos e nos demais dias santos de guarda, em todas as igrejas ou oratórios públicos ou semi-públicos se faça uma breve exposição do Evangelho ou de alguma parte da doutrina cristã, a não ser que por justa causa o Ordinário do lugar tenha dispensado dessa obrigação». E o § 2.º do cân. 1344 continua: «o pároco não pode cumprir habitualmente esta obrigação por meio de outrem, a não ser com justa causa aprovada pelo Ordinário». Este «habitualmente» vem dizer-nos que por exemplo : «a interrupção Agosto-Setembro torna-se útil porque é bom cortar a mesma toada de voz do pregador, evitando o fastio nos ouvintes... os quais ùtilmente podem ouvir nesses dois meses temas variados na homília dominical». Lumen Novembro 1949.

Esta obrigação da homília, distinta da do ensino da catequese aos adultos, é de tal modo grave que, dizem os comentadores, pecaria gravemente o pároco que estivesse um mês seguido ou três meses entremeados sem a cumprir durante um ano.

([16]) Sessão 24, cap. 4.º, pág. 240 do C. P.
([17]) Dans le Prêtre Unique, pág. 219.

Compreende-se bem a gravidade desta obrigação pois é necessário que o homem não ande mais na louca, indecisa e revoltada inquietação, causadora do miserável espectáculo a que o mundo está reduzido.

VII — PREPARAÇÃO

E se perguntarmos quais são as causas pelas quais se abandona o bom caminho, Bento XV na «Humani generis» responde: «estas causas parecem reduzir-se a três: ou se assume para pregar quem não devia ser assumido; ou o múnus de pregar não é exercido com o fim que devia; ou é exercido por um modo diferente daquele que é necessário».

1.º) Assume-se para pregar quem não devia ser assumido». O Papa refere-se à capacidade em dotes de ciência e virtude que tornem o sacerdote ministro idóneo da prègação. A este respeito Pio XI afirma: «É necessário que o sacerdote mesmo entre as pesadas preocupações do seu ministério continue o estudo sério e profundo das disciplinas teológicas» para alcançar «uma sempre mais rica erudição sagrada que o torne cada vez mais idóneo para a sagrada prègação» ([18]). E em perfeita concisão lacónica o Cardial Saliège diz: «Si vous n'étudiez pas, taisez-vous» ([19]).

De facto o ministério da prègação exige um estudo contínuo para o conhecimento perfeito da Sagrada Escritura e dos seus melhores e mais actuais comentadores, conhecimento dos Santos Padres, dos melhores métodos de ensino, de bons catecismos e vidas de santos cujas histórias reais resumam a doutrina e amenizem o ensino.

2.º) «O múnus de pregar não é exercido com o fim que devia». Na verdade quantos buscam na prègação a sua própria apologia, a satisfação do prazer de falar sem dizer nada; quantos falam da sua vida, do seu carro e das suas quedas! Quantos fazem da homília uma censura aos seus paroquianos ou um tratado de feminismo, de modas, de pinturas, como se não devessem procurar os interesses de Jesus Cristo pregando «a Jesus Cristo e este crucificado» pois «importa que Ele cresça» «me autem minui» J. 3/30.

3.º) «É exercido por um modo diferente».

([18]) Ad catholici Sacerdotii.
([19]) Maison-Dieu n.º 9.

Três coisas são necessárias ao prègador neste ponto: fazer que a prègação seja clara e una, aprazível e ordenada, activa e prática.

«Ut veritas pateat, ut veritas placeat..., ut veritas moveat». «Ut veritas pateat». É preciso haver união no pensamento e unidade no assunto, exposição clara, completa, simples e argumentada de doutrina certa, adaptada e conveniente ao auditório. Deixemos de falar só ao sentimento.

«Ut veritas placeat». É preciso exprimir recta, ordenada e exactamente os nossos pensamentos para não suceder que por nossa culpa «a verdade seja atraiçoada antes de ser conhecida». Não esqueçamos: «o povo gosta daquilo que entende».

Consciente da sua responsabilidade o Santo Cura de Ars «escrevia, riscava, corrigia» os seus sermões «via que as horas fugiam e muitas vezes estava sete horas seguidas de pena na mão». E Massillon confessava ([20]): «Já estou cansado de decorar todos os dias a minha lição como um estudante». Se eles assim faziam que não devemos nós fazer?

«Ut veritas moveat». Toda a prègação que não leva à mudança de mentalidade e emenda de vida, é inútil pois «a fé sem obras é morta» (Jac. 2/17).

Precisa, portanto, o prègador de conhecer bem o povo a quem fala, os seus vícios, as suas virtudes e as suas reacções para ver até onde pode ir cortando o vício e como o deve cortar de modo que seja muito concreto e actual na apresentação do modo de cumprir a doutrina nos actos da vida quotidiana. Ser actual na apresentação da doutrina! Há tantos que iluminam, assim o pensam, com grandes luzeiros que iluminaram séculos remotos, mas que hoje estão apagados. O prègador precisa de conhecer e viver intensamente as verdades ignoradas ou postas em dúvida para expor muito clara, una, simples e enérgica a verdade oposta a essas dúvidas e refutar dialogada e muito inteligìvelmente a sua causa, apresentar finalmente em linguagem vibrante e sincera a beleza da verdade e a felicidade dos que a praticam. Numa palavra é preciso «expor, provar, refutar» e mover; o resto é obra de Deus.

Mas já que os frutos da homília dependem do exemplo da vida e da intensidade de vibração do prègador é preciso que este prepare

---

([20]) Curso de Teol. Pastoral do Dr. Ferreira Pinto.

muito bem, pròximamente, a verdade que vai expor, para que as suas palavras não sejam, no dizer de Vieira, «tiros sem balas, atroam mas não ferem».

Na «segunda-feira já deve saber o que vai pregar no domingo seguinte» ([21]). Há-de estudar e meditar profundamente essa verdade de modo que faça dela um bocadinho de si mesmo ; só assim terá verdadeira eloquência para a exprimir. Será junto do sacrário «com os lábios colados ao peito do Salvador» de dia e talvez de noite, a pedir-lhe uma fé inabalável, um amor intenso e universal, uma força e vida divinas, será junto do sacrário em longas e amorosas conversas com o Mestre que o Sacerdote há-de preparar a sua homília, há-de receber um impulso íntimo e irresistível que o faça jorrar necessàriamente a vida que o inunda. Assim preparado no estudo, no silêncio e na oração, o Sacerdote não há-de recear o malogro que tantas vezes Deus permite para que a prègação não fique malograda. Não se lamente pois o Sacerdote, mas lembre-se que Deus não o mandou «colher mas semear» J. 4/37.

Trabalhando como se tudo dependesse dele, cheio de humildade, confie sempre no Senhor de quem recebeu a graça de santificar os homens pelo ministério santificador da santificadora palavra de Deus.

Consciente, pois, da sua autoridade, consciente de que maneja uma espada de dois gumes à qual vinte séculos não conseguiram embotar o fio, o Sacerdote dirigir-se-á aos seus ouvintes de cabeça erguida e tronco direito, com o rosto grave, sereno, agradável e respeitoso, com um olhar vivo e sincero sempre a percorrer o auditório, em gestos naturais, com uma palavra calma e doce, viva, clara e vibrante, «in virtute Dei» lançará a divina semente.

A língua, eterna reveladora dos segredos da alma, há-de revelar a sua aos seus ouvintes, há-de convencê-los, há-de conquistá-los e Deus será mais conhecido e mais amado, os homens, mais unidos a Deus, serão mais felizes e o Sacerdote, ligando os dois extremos, cumpriu a sua missão.

Manuel da Silva

([21]) Crisóstomo Schulte em «O Padre na Época actual».

Ecos da Vida Litúrgica

O SIGNIFICADO LITÚRGICO DO PEDITÓRIO NA MISSA

Devido ao facto de se terem multiplicado os peditórios nas igrejas (em qualquer reunião de fiéis se vê circular a bandeja ou o saco) são estes encarados com singular antipatia, e principalmente o que se realiza durante a Santa Missa, não faltando quem proponha substituí-lo por um peditório feito à porta da igreja, uma contribuição mensal, etc.

O mal, julgamos, não está no peditório em si, mas no esquecimento total do seu significado litúrgico e, portanto, a solução para a dificuldade consistirá ùnicamente em recordar o valor litúrgico do peditório e explicá-lo aos fiéis, que fàcilmente o compreenderão.

Como se sabe, era costume, outrora, trazer para a igreja numerosas oferendas e apresentá-las, no momento do Ofertório, ao sacerdote celebrante. Dividiam-se em três partes, destinando-se uma aos pobres, outra ao clero e a terceira, a mais pequena na quantidade, mas a mais importante quanto ao destino, compunha-se do pão e do vinho que serviriam de matéria do Sacrifício. Todas três, no entanto, eram oferecidas ao Senhor.

Este costume, infelizmente, desapareceu, e hoje só nos resta o peditório. Mas tal como existe, ele simboliza ainda o mesmo que as oferendas de outros tempos; é um meio para os fiéis tomarem parte no Sacrifício oferecido, para contribuirem para a subsistência da igreja e dos ministros do culto, para acudir às necessidades dos pobres da paróquia. Como tal, o peditório à Missa não deve ser abolido (a não ser no caso de se restaurar o antigo costume das oferendas) mas sim explicado, no seu real significado, aos fiéis, cuja ignorância no assunto é absoluta. Acabar com o peditório durante a Missa ou fazê-lo à porta da Igreja, seria esvaziá-lo de todo o seu conteúdo religioso e litúrgico, transformá-lo num acto puramente material, numa simples necessidade financeira.

O «peditório ideal» foi realizado na igreja de S. Francisco Xavier, em Paris, e logo imitado em muitas outras localidades. Terminado o Credo, quando o celebrante começa o Ofertório, os acólitos distribuem aos fiéis as bandejas que estes fazem circular. Os acólitos regressam com o produto do peditório no momento do «Orate fratres». Reunem-se então em redor do altar e fazem o gesto de oferecimento, elevando as bandejas, enquanto o celebrante recita a ORATIO SUPER OBLATA. O peditório toma assim todo o seu significado de participação na oferenda litúrgica.

M. A.

Crónica de hoje

VISITA DO PASTOR — Mais uma vez, esteve entre nós S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca a comunicar-nos pela Sua palavra de Mestre e de Apóstolo, a luz e o fogo que ilumina e aquece os corações.

Falou-nos S. Eminência demoradamente do estado Sacerdotal.

Lembrou, em primeiro lugar, que os votos não são a essência do Cristianismo, como poderia pretender alguém: são, antes, meios ordenados à aquisição de virtudes, ordenadas, por sua vez, à Caridade. «*Os votos são meios de perfeição e não a própria perfeição. Doutro modo o Santo Padre e o Episcopado (fontes santificadoras da Igreja) não poderiam ser perfeitas*».

Nem são os votos maior obrigação de Santidade do que a que já tem o Sacerdote Diocesano. A grande obrigação de Santidade vem-lhe da consagração e consagrado quer dizer retirado do uso comum. Como a Patena e o Cálice se consagram em função do Sacrifício, para conterem Cristo, também o Sacerdote se retira dos direitos e das ocupações mundanas da vida comum, para ser o homem do Sacrifício, para se entregar e imolar, para levar em si o Verbo Eterno e ser, de algum modo, o *Sacramento da Presença de Deus*.

Os fins de ambos os estados são diferentes: O Sacerdócio corresponde à missão redentora de Cristo: «euntes in mundum universum . . .», o estado Religioso corresponde à vontade de Santificação individual. E nem este é mais essencial à Igreja do que aquele.

Ouve-se por vezes dizer:

— Se queres ser perfeito faze-te Sacerdote, mas se queres ser completamente perfeito faze-te Religioso!

Para cada alma em particular não é certa tal proposição. Não é mais perfeito o Sacerdote ou o Religioso. Mais perfeito é, fora de qualquer dúvida, o que segue a Vontade de Deus a seu respeito.

Nem em termos universais ela é mais certa. A grande, a maior obrigação de Santidade, já o Sacerdote a tem. O Religioso não a aumenta, antes se liga com mais laços e usa diferentes meios.

Dizer que a perfeição é para os religiosos, é faltar à verdade. Contra isto se levantou o Cardal Mercier, revelando ao clero todas as exigências do Sacerdócio.

Eu julgo do meu dever fazer tudo o que em mim está para elevar e tornar compreendida a obrigação e aspiração do Sacerdócio, à Santidade. O Sacerdote tem de viver plenamente a sua consagração a Deus e à Igreja.

Tanto mais que o Clero Diocesano, disse-o o Santo Padre aos pregadores da Quaresma, no passado ano, constitui o quadro do exercício de Apostolado, da missão da Igreja, digamos mesmo, a estrutura da própria Igreja.

Enquanto o clero religioso tem finalidades particulares e até especializadas para determinados fins, é o Clero Diocesano, na dependência dos Bispos, sucessores dos Apóstolos, quem leva a luz aos fiéis. Sobre ele recai a maior parte da responsabilidade da Igreja: não é já só distribuir os Sacramentos, mas organizar e orientar todas as obras de Apostolado. É a Acção Católica, a Catequese, as Obras Vicentinas, as diversas organizações de piedade; é o ensino religioso na escola, no liceu, e quando chegar a hora de Deus, na Universidade; é a imprensa, etc., tarefas estas, todas elas impossíveis de realizar sem um clero diocesano digno e que aspire à perfeição. Não se pode ser apóstolo se não se está cheio de Jesus Cristo.

Os próprios Sacerdotes a quem se não pede a responsabilidade da cura de almas, não estão dispensados da perfeição porque, unidos ao seu Bispo, indirectamente, ao menos, colaboram na salvação das mesmas almas.

E não se pode dizer absolutamente, que vós não estais ligados por votos.

Tendes o *Voto de Castidade* que não exi-

ge só uma vida casta, isso seria pouco; mas também uma vida de amor, uma entrega total do coração, e dum coração vivo, quer dizer, cheio de fé, de esperança, de caridade, coração generoso, ardente, palpitante... E isto é o que dá mérito ao voto.

O Voto de Castidade é uma virgindade recuperada, coração liberto de qualquer laço que o prenda às criaturas para se entregar nas mãos da Igreja — no Coração de Cristo e da Santíssima Virgem.

Por isso, quando pelos vossos votos tocam os sinos da Sé, fazem-no com mais razão do que quando tocam a um noivado (união de dois, pelo amor, para juntos darem, eternamente, graças e louvores à Santíssima Trindade).

E além deste voto tendes o *dever da Obediência mais completa*. Estais nas minhas mãos para fazerdes o que eu, para glória de Deus e salvação das almas, exigir de vós.

As perspectivas que se vos abrem são as da *Pobreza*. Pode ser que tenhais até de receber a esmola dos Vossos Colegas. A Diocese não tem, ainda, meios eficazes de protecção ao clero inutilizado, e tendo-os, mesmo, ficaria de pé a vossa disponibilidade no serviço da Igreja — que por vezes significa pobreza heróica.

Em conclusão pois: A Igreja de Cristo — a Igreja a que cada um de vós pertence, precisa de vós e precisa de muitos mais, mas só daqueles que queiram, sinceramente, realizar o Sacerdócio com inteira generosidade. Nestas circunstâncias, eu, Cardeal Patriarca de Lisboa e Pastor da primeira das Dioceses de Portugal, olhando a glória de Deus, não tremo nem um milímetro ao dizer ao rapaz hesitante entre os dois caminhos — Religião ou Sacerdócio Diocesano — que venha tomar parte mais activa na tarefa da Salvação das almas . . .

Vocação todos a tendes, no seu significado mais rigoroso. A todos me dirijo — à vossa fé e à vossa generosidade: de todos vós preciso. Auxiliados pelos vossos Superiores e Director Espiritual, vede, pois, se tendes as disposições necessárias e se quereis, confiada e generosamente, responder: Eis-me aqui.

RETIRO MENSAL — Houve, na terça-feira de Carnaval, exercícios espirituais, segundo o uso estabelecido nos demais anos.

CERIMÓNIAS NA SÉ — Por duas vezes que os cantores e cerimoniários foram à Sé: na Quarta-feira de Cinzas e ao Pontifical no dia 12 de Março, pelas 9 horas, em honra do grande Santo Português, S. João de Deus; cantou-se, também, pelas 16 horas do mesmo dia, solene «Te-Deum» de louvor e acção de graças ao Senhor do Céu, por mais um ano de Pontificado do grande Papa Pio XII, felizmente reinante.

SESSÃO SOLENE EM HONRA DA IMPRENSA — Realizou-se no dia 26 a Sessão Solene, em honra da Imprensa Católica, promovida pela Academia de S.to António, a que se dignou presidir S. Ex.a Rev.ma o Sr. Arcebispo de Cízico.

Em vibrante discurso de abertura, o Presidente da Academia, Rev.o João de Sousa, enalteceu a Imprensa Católica «desejando a sua vitória, que o mesmo é dizer, a vitória da Luz, a vitória do Espírito, a vitória de Cristo».

Terminada a breve oração, ouviram-se alguns números de canto.

Em seguida fizeram a sua estreia de maestros, regendo algumas músicas originais do seminarista Manuel Luís, que as acompanhou ao órgão, João Afonso Chaves Santos e António Emílio Martins de Figueiredo.

Ao Sr. Padre José Viçoso Freire, alma de artista devotado à causa da música, endereçamos os nossos humildes cumprimentos.

A Polifonia do Seminário cantou o «Angelus» de Rossini, acompanhado a sinos. E logo passámos a ouvir o Sr. Dr. Manuel Duque Vieira que gentilmente acedera ao convite de nos dizer, sobre a Imprensa, do muito que S. Ex.a aprendeu nos árduos tratos da pena.

Falou, o Sr. Dr. Duque Vieira, da necessidade de um diário católico de notícias, sem pretensões a provar teses, mas que trouxesse o noticiário religioso ao lado do desporto e demais assuntos que interessem o leitor.

«Não nos é permitido, disse, dar atracções do mal, mas podemos dar as do bem que, apesar de todas as nossas paixões, ainda são as que nos tentam mais . . .

Só a deformação do catolicismo o torna antipático . . .»

O orador referiu-se, em seguida, aos Semanários de Província, «por onde todos devem começar. Todos, porque todo o homem normal, com persistência, é capaz de uma mediania muito aceitável . . . O cura de Ars não foi Lacordaire nem nasceu para isso; mas vivendo só pelo Espírito, fez falar o Espírito com a sua eloquência: ensinou

por exemplos, como já fizera Cristo, tornando, assim, a doutrina apta e palpável a todos».

O Sr. Dr. Duque Vieira falou, ainda, do lugar difícil que ocupam os Directores destes jornais quer porque têm contra si todos os inúteis da diocese, quer no que respeita à questão económica, «ao deve e haver que afasta os poetas e atrai os cabelos brancos».

S. Ex.ª terminou com um apelo em favor da Imprensa, à nova geração de sonhos grandes e novas energias.

Depois de largos aplausos, foi representada uma peça de teatro da autoria de S. Rev.ª o Sr. Padre José Viçoso Freire, expressamente feita para a ocasião e intitulada: «O mundo estava às escuras». Nela se vincava o valor da boa Imprensa na iluminação espiritual do mundo.

Por mais esta realização deixamos a S. Rev.ª respeitosos parabens.

A encerrar a Sessão, S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Arcebispo de Cízico a todos disse algumas palavras de apreço, dirigidas em especial ao Sr. Dr. Duque Vieira, a quem agradeceu a gentileza das suas palavras sobretudo pelo que representaram de sacrifício e dedicação.

ACADEMIA DE S.to ANTÓNIO — Reuniu-se, no dia 5 de Março, com a assistência do Sr. Cónego Vice-Reitor, a Academia de S.to António para tratar o problema de «O Pároco e as Crianças».

O académico Nuno Ferreira Magno leu um trabalho sobre o «Apostolado pelas crianças» que disse incontestávelmente eficaz.

Sobre o mesmo tema, em diferentes aspectos, falou, também, o Presidente da Academia focando as formas mais usadas de apostolado infantil (catequese, organismos pré-juvenis da Acção Católica e diversas associações de piedade), insuficientes por lhes escapar grande parte das nossas crianças.

Evidenciou, ainda, as escolas católicas (que não resolvem igualmente, o problema) e propôs como meios mais adequados, os centros infantis, lamentando não existir, ainda, em Portugal, nenhuma obra colectiva, nesse sentido.

O Sr. Cónego Vice-Reitor encerrou a sessão, afirmando: «Para ganhar o mundo para Cristo é indispensável o interesse pelas crianças; é, indispensável praticar as 14 obras de misericórdia e não, apenas, 7. Tudo se resume, afinal, na acção do Pároco como chefe de família, a organizar e dirigir obras de assistência social e espiritual».

Secção de Filosofia. Cinema — Com satisfação geral veio até nós, por intermédio desta Secção, o documentário da Casa do Gaiato. Muito apreciámos, na pequena meia hora da fita, o método de formação do Sr. P.e Américo. É claro que não vou, aqui, elogiar a obra dos rapazes (que bem o merecia), pois sairia do meu campo. A mim só compete narrar factos; ora o facto é que gostámos, e nada mais!

Teatro — A mesma Secção académica fez representar, no dia 18 de Março, o auto medievo dos Santos João e Paulo, adaptação de «Il magnifico» de Lorenzo de Médicis — segundo acto do plano cultural pelo teatro, como na devida altura noticiámos.

É de louvar o esforço que representam realizações desta espécie, bem como a iniciativa e boa vontade. Que os filósofos não desistam, são os nossos votos sinceros.

PASSEIO GRANDE — Em alegre passeio, no dia de S.to Tomás, foi todo o Seminário à Quinta da Abelheira. Aí nos foi serviço o almoço à sombra das mansas oliveiras.

De volta visitámos a fábrica de papel que lhe fica anexa, onde vimos os tratos que o papel leva antes de chegar às nossas mãos, sem falar das impressões, cortes e voltas que suporta antes de pagarmos os 8 tostões do «eléctrico».

Dia de descanso para o espírito, não foi, porém dia perdido: para que o arco faça bom serviço é necessário, de vez em quando alargar-lhe a corda.

Sem mais, até ao próximo mês, querendo Deus.

NINGUÉM

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário

Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO

Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA
R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

ALELUIA & ALELUIA
FÁBRICAS ALELUIA
Azulejos brancos e pintados.
Louças sanitárias,
artísticas e domésticas.
Painéis com imagens
Telef. P.B.X.-22 *AVEIRO*

CASA PORTUGUESA
Grandes oficinas gráficas
Composição mecânica
RUA DAS GÁVEAS, 103
TELEFONES P. B. X. 21271-27817
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais

INSTALAÇÕES

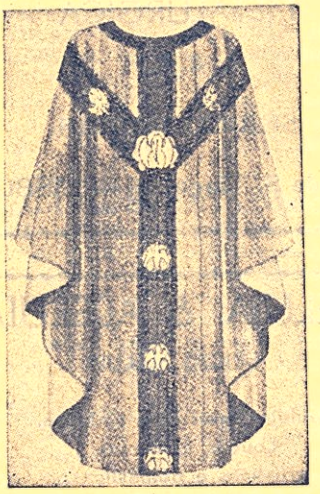
SANITÁRIAS
CASAS DE BANHO
PÁRA-RAIOS

AQUECIMENTO CENTRAL
VENTILAÇÃO
ASCENSORES

ELÉCTRICAS
CONTRA INCÊNDIOS
TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

"Em todas as coisas da Liturgia devem resplandecer sobretudo: a santidade, a nobreza das imagens e das formas, e a universalidade." *(Mediator Dei)*



Alpha et Omega

BAPTISTA & PADILHA, L.DA

Edições, Máquinas de Projecção, Filmes, Alfaias, Artes Liturgicas, Paramentaria e Alfaiataria Eclesiástica.

R. EUGÉNIO DOS SANTOS, 30-2.º — LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

ATENÇÃO

Roga-se ao Ex.^{mo} assinante que nos enviou em Fevereiro um vale postal na importância de 40$00 — pagável em Sacavém, o favor de nos indicar por postal o seu endereço.

Toda a correspondência deve ser dirigida a:

«NOVELLAE OLIVARUM»

Seminário de Cristo-Rei

Olivais - (Lisboa)

Tosse?

